

ÉTICA E OBJETIVIDADE: UM OLHAR SOBRE A NOTÍCIA POLÍTICA NO JORNAL DA GLOBO

MARÍLIA DENARDIN BUDÓ¹

Resumo

Após várias mudanças no caráter do jornalismo, vive-se em uma época onde o seu principal objetivo passa a ser de um lado o lucro e de outro uma maior credibilidade, mantendo-se ainda a objetividade jornalística como base para a ética. Neste texto, faz-se algumas observações relacionadas à defesa da objetividade diante da análise de quatro matérias do Jornal da Globo ligadas à política, de onde se constata que talvez a objetividade não seja o melhor parâmetro para se identificar uma notícia como ética, tendo em vista que isto não garante pluralidade e democracia na construção da notícia.

Palavras-chave: jornalismo – objetividade - Jornal da Globo

Abstract

After some changes in the character of the journalism, are lived at a time where its main objective starts to be of a side the profit and another a bigger credibility, remaining itself still the journalistic objectivity as base for the ethics. In this text, one ahead becomes some comments related to the defense of the objectivity of the analysis of four news of the Jornal da Globo to the politics, of where if it evidences that perhaps the objectivity is not the best parameter to identify a notice as ethical, in view of that this does not guarantee plurality and democracy in the construction of the notice.

Keywords: journalism – objectivity – Jornal da Globo

Introdução

Na fase em que se encontra, o jornalismo se mostra altamente influenciado por perspectivas de lucros. Quem detém os meios de comunicação são empresas, as quais definem os valores-notícia a serem utilizados na seleção. Tal concepção de jornalismo, segundo Habermas (1984), teria sucedido outras fases. Enquanto na sua primeira etapa tinha o objetivo de angariar lucros na prática de um jornalismo artesanal característico da fase inicial do capitalismo, na segunda fase a profissão passa a ter a bandeira de buscar a conscientização das questões políticas e sociais de sua época, e apenas em segundo plano a intenção de obter lucros econômicos.

Assim, defendendo o interesse público contra o poder do Estado, é possível dizer que:

(...) (a imprensa) se desenvolvia a partir da politização do público e cuja discussão ela apenas prolongava continuou a ser por inteiro uma instituição deste mesmo público: ativa como uma espécie de mediador e potenciador, não mais apenas um mero órgão de transporte de informações e ainda não um instrumento da cultura consumista (HABERMAS, 1984, p.215/216).

¹ Acadêmica do Curso de Comunicação Social/Hub, Jornalismo e do Curso de Direito da Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista PIBIC/CNPQ.

Na atualidade, a lógica do jornalismo passa a ser outra. Busca-se separar radicalmente a opinião da notícia. Mas sua característica principal é a busca pelo lucro e a influência da propaganda. "A imprensa, que até então fora instituição de pessoas privadas enquanto público, torna-se instituição de determinados membros do público enquanto pessoas privadas – ou seja, pórtico de entrada de privilegiados interesses privados na esfera pública" (HABERMAS, 1984, p. 217/218).

Nesse momento vêm à tona noções dominantes na prática jornalística atual, como a visão do papel do jornalista como transmissor dos fatos tais como aconteceram, sendo esta idéia designada por objetividade jornalística. Por outro lado, sabe-se que os meios de comunicação são dominados por empresas, que visam ao lucro, e passam a tratar a informação como forma de ganhar dinheiro através da publicidade. Por isso, torna-se necessário que se aumentem os índices de audiência. Então, o jornalismo toma "emprestadas" algumas noções e características provindas da publicidade, de forma a tornar também a informação mais atraente para um público-alvo, já não mais composto de cidadãos, mas sim de consumidores. Nesse momento insere-se o espetáculo, numa fase do jornalismo e da mídia em geral onde predomina a mistura entre a informação e o entretenimento, entre a realidade e a ficção. Essas confusões permitem que se trate de fatos extremamente importantes para a vida das pessoas de forma singular, ocultando seu contexto, ou então expondo exageradamente a visão dominante do fato, terminando por banalizá-lo.

A partir de um aparato teórico relacionado com a mídia na atualidade, busca-se neste texto estudar a abordagem da informação jornalística, principalmente no que se refere à televisão, tendo em vista sua influência na vida diária dos cidadãos. Para exemplificar, são utilizadas como objetos de análise algumas notícias veiculadas no Jor-

nal da Globo, telejornal da Rede Globo de Televisão¹.

Em primeiro lugar, realiza-se uma abordagem a respeito do que se considera atualmente objetividade jornalística, problematizando a questão frente aos diversos questionamentos emergentes do assunto. Após, faz-se breve histórico do Jornal da Globo, apontando as razões de sua escolha. Posteriormente passa-se para a análise de quatro matérias veiculadas no telejornal entre os dias 17 e 21 de novembro de 2003, levantando a problemática: a defesa da objetividade jornalística como base para a determinação da ética no jornalismo frente a questões como a falta de pluralismo no acesso à mídia; a superficialidade de tratamento em fatos importantes; o desvio do assunto para que este não seja problematizado; a confirmação valorativa de visões oficiais. Todas as matérias envolvem um caráter político.

Objetividade jornalística: alguns questionamentos

O reconhecimento da subjetividade dos jornalistas na construção das notícias fez com que se introduzisse nos jornais as colunas assinadas, demarcando, assim, o que deveria ser considerado relato de fatos e o que seria opinião. Gaye Tuchman (1983) fala sobre este momento, quando, em relação às notícias, foram adotados métodos, os quais se tornaram muitas vezes mais importantes do que o próprio conteúdo. Algumas das técnicas seriam "a reunião de provas suplementares, a apresentação de pretensões de verdade que entre si estão em conflito, a ilusão de fatos mediante a familiaridade com os procedimentos policiais e a utilização das aspas" (TUCHMAN, 1983,

¹ As análises e conclusões do texto fazem parte do desenvolvimento do projeto de pesquisa intitulado "Objetivismo ideológico e espetáculo: uma reflexão sobre a natureza das mediações simbólicas frente à nova ética da informação", desenvolvido pela autora com a orientação do prof. Dr. Rogério Ferrer Koff, e financiado pelo CNPq. Foram analisadas cinco edições do Jornal da Globo, no período de 17 a 21 de novembro de 2003, levando em consideração todas as matérias e diversas categorias.

p.174)³. É o período da história do jornalismo quando ele passa a ter conotações de neutralidade e objetividade, mostrando-se forte a idéia do profissionalismo entre os informadores, com a sobreposição do fato sobre a opinião. Explica Traquina (2004, p. 51) que esta modificação se deu de acordo com o contexto social da época:

É no século XIX, em que o positivismo é reinante, que todo o esforço intelectual tanto na ciência como na filosofia como ainda, mais tarde, na sociologia e outras disciplinas, ambiciona atingir a perfeição de um novo invento, invento esse que parecia ser o espelho há muito desejado, cujas imagens eram reproduzíveis, cuja autoridade era incontestável – a máquina fotográfica.

O surgimento da *penny press* data deste período, dinamizando a idéia de separação da notícia de informação de jornalismo de opinião, passando a pregar fatos e não opiniões como no tempo do jornalismo partidário. Por outro lado, é com essa modificação que se acentua o caráter mercadológico da informação, ou seja, quando a dependência do jornal deixa de ser de um partido político e passa a ser da publicidade.

A separação entre opinião e informação permanece nos tempos atuais, quando ainda a objetividade jornalística tem presença marcante nos manuais de redação de diversos jornais e redes de televisão. Por outro lado, este preceito vem sendo bastante criticado no meio acadêmico, por diversas razões.

Guerra (2003, sp.), um dos poucos defensores da objetividade na academia, percebe a notícia objetiva como sendo

aquela que está em conformidade com o fato de que trata. Não se pode perder de vista, conseqüentemente, que a notícia, em sendo texto, discurso, não

é o próprio fato. Isto significa que a notícia jamais esgota o fato em toda a riqueza de aspectos que a realidade permite, mas elege alguns aspectos que se tornam pertinentes em função dos objetivos a que a cobertura se propõe.

Para Marcondes Filho (1989, p.99) esta seria uma forma de censura, permitindo às empresas decidir o que importa e o que não importa ser divulgado, certamente o fazendo de acordo com os seus próprios interesses⁴. Assim, o jornal deve ser livre para fazer esta cobertura, e para isso utilizaria como critérios os valores-notícia, entendidos por Guerra como sendo a importância, o interesse, a atualidade e a novidade do fato. São objetos de análise aqui os dois primeiros, ou seja, a importância (interesse público) e o interesse (interesse do público).

O interesse público é voltado para o caráter de serviço público da informação. Nesse aspecto, deveria ela sobrepor o interesse público aos interesses individuais presentes no momento da escolha do que será notícia. Entretanto, o caráter comercial da informação é preponderante no que se refere aos veículos de comunicação brasileiros, sendo na sua larga maioria privados. Ao considerar que o lucro, em se tratando de televisão, é proveniente da publicidade, cujo interesse é atingir um maior número de indivíduos, a busca por um aumento nos índices de audiência torna-se objetivo máximo das empresas de comunicação. Sendo este o objetivo principal, resulta que, ao optar entre os valores-notícia interesse (do público) e importância, aquele se sobrepõe, abrindo espaço na divulgação da informação para interesses individuais, e, conseqüentemente, para o sensacionalismo. Opta-se, então, pela confusão entre informação e entretenimento, ressaltando-se os aspectos engraçados, dramáticos e de aparente conflito, para então divertir, o que, na sociedade do entretenimento, vende mais.

³ Tradução livre.

⁴ Cf. "censura empresarial", p. 99.

sentimentalismo e tenham conseqüências negativas. “Desastres, dramas, a vida dos ricos e poderosos, todos eles encontram lugar nas páginas de um jornal”. Quanto maior for a pontuação de determinado fato, mais noticiável ele será, ganhando capa no caso do jornal impresso e interrupções na programação normal de uma emissora de televisão. A morte da princesa Diana é um exemplo de acontecimento que congrega uma pessoa de elite, um país de elite, uma situação dramática, trágica e triste, além de ter o aditivo dos boatos relacionados à sua vida íntima com o príncipe e os casos extraconjugais. Por isso, teve direito a inúmeras reportagens, capas de jornal, enorme tempo de programação televisiva em todos os canais do mundo inteiro.

Este tipo de seleção dos fatos leva em consideração um determinado consenso existente na sociedade. Ele merece algum enquadramento num âmbito de identificações sociais e culturais do público. Tal processo de significação ajuda a construir a sociedade como um consenso, uma vez que enquadra os acontecimentos da sociedade em algo já conhecido.

Os “lugares comuns” que desempenham um papel enorme na conversação cotidiana têm a virtude de que todo mundo pode admiti-los e admiti-los instantaneamente: por sua banalidade, são comuns ao emissor e ao receptor. Ao contrário, o pensamento é, por definição, subversivo: deve começar por desmontar as “idéias feitas” e deve em seguida demonstrar (BOURDIEU, 1997, p.41).

Esta é uma das críticas realizadas por Bourdieu, quando menciona a divulgação de fatos que têm por característica interessar a todo mundo, mas que não fazem diferença nenhuma para a sociedade, tomando lugar de outros acontecimentos que, talvez por sua complexidade, talvez pela ideologia, deixam de ser abordados. São as notícias de variedades, por exemplo, que não devem chocar ninguém, não envolvem disputa, não

dividem, formam consenso. Mesmo em se tratando de um tipo de desordem, a notícia não será exposta sem a forma de enquadramento que deve ser dada a ela. Para isso, é necessária a presença dos “definidores primários”, as fontes oficiais, credíveis que dirão o ângulo a ser tratado no caso (HALL et. al., 1993).

A formação do consenso na sociedade é exposta no que Berger e Luckmann (2002, p.141) escreveram a respeito da manutenção do universo simbólico. A mídia passa a ser uma instituição que busca, assim como a Igreja, a Escola, a Família, manter a ordem. “A legitimação da ordem institucional enfrenta também a contínua necessidade de manter encurralado o caos. *Toda realidade social é precária. Todas as sociedades são construções em face do caos*” [grifo do original].

A necessidade de manutenção do universo simbólico é continuamente observada na mídia massiva. A forma como são tratados funcionários grevistas, presos rebelados, trabalhadores rurais destituídos de terra, inconformados em geral, trazem a percepção deste significado. Todos são identificados dentro do imaginário de forma marginal, sem que seja trazido para dentro da percepção social algum tipo de redefinição. Tudo porque “estes grupos heréticos constituem não somente uma ameaça teórica para o universo simbólico, mas uma ameaça prática para a ordem institucional legitimada pelo universo simbólico em questão” (BERGER E LUCKMANN, 2002, p.145).

Estes procedimentos podem ser identificados como mecanismos conceituais de manutenção do universo simbólico, definidos por Berger e Luckman (2002). Os principais seriam a terapêutica e a aniquilação, sendo o primeiro uma forma de pressão para as pessoas que têm alguma característica contrária à que a sociedade admite, sintam a necessidade de um tratamento, como se fosse uma doença, para retornar ao universo simbólico. O segundo seria a constante ligação de elementos que estão fora do universo simbólico a conceitos ruins, de forma

a aniquilá-los, mantendo-os longe de acarretar qualquer mudança dentro do mesmo. As intolerâncias raciais e culturais são demonstrações da força destes mecanismos na sociedade.

Assim, a mídia representa os pontos de vista conceituais da sociedade sem a demonstração de rupturas. Quando elas existem, ou são ignoradas, ou são tratadas de forma negativa. Stuart Hall (et. al., 1993) procura mostrar como a mídia reproduz as definições dos poderosos sem estarem necessariamente a seu serviço, o que se daria de duas formas: com a cobertura excessiva de acontecimentos pré-agendados, tornando a atividade mais fácil e barata, porém, fazendo com que os jornalistas dependam da instituição promotora. A outra forma é justamente quando, na busca pela credibilidade, com a utilização de fontes dignas de crédito, os jornalistas terminam por privilegiar as vozes oficiais. Pesquisas realizadas por instituições de renome são constantemente utilizadas para dar este caráter às notícias. Também os representantes de instituições sociais importantes conferem caráter objetivo e imparcial às afirmações da mídia. A utilização de peritos, por sua vez, conota a busca desinteressada pelo conhecimento e a imparcialidade. Dessa forma, as posições institucionalizadas são constantemente reafirmadas na mídia, diminuindo ou tornando inexistentes as vozes não-oficiais. Na medida em que não divulgam a ruptura, também desestimulam-na, tendo em vista o caráter global da mídia na sociedade.

Citando Milliband, Tuchman (1983, p.170) expõe que, mesmo quando os meios de comunicação reconhecem posições diferentes e noticiam-nas, ou seja, quando permitem o dissenso, tratam-nas como heresias curiosas, "excentricidades irrelevantes que as pessoas sérias podem descartar como se não tivessem conseqüências".

Nesse contexto insere-se o jornalismo brasileiro, ainda incipiente em matéria de regulamentações éticas e deontológicas. Pretende-se a partir daqui retomar algumas das características deste jornalismo atual no

Brasil, como o interesse organizacional, de produzir matérias dignas de crédito, mas por outro lado vinculado, talvez excessivamente, ao mercado, apresentando, portanto, características como a espetacularização dos acontecimentos, a redução da política a acontecimentos com implicações divertidas, além de um culto à personalidade, dentro de regras que levam o jornalista a não explorar problemas estruturais de forma contextualizada. Ainda, a parcialidade em favor da voz oficial. Esta retomada pretende ser feita através de exemplos retirados do *Jornal da Globo*, telejornal veiculado pela Rede Globo de Televisão, que, de acordo com sua proposta deve ser o jornal da reflexão, buscando aprofundar a cobertura dos fatos narrados durante o dia nos outros telejornais da emissora. Para o presente texto, foram escolhidas quatro notícias de alguma forma relacionadas à política.

Jornal da Globo: o telejornal da reflexão

A Rede Globo de Televisão apresenta quatro telejornais diários de difusão nacional: *O Bom Dia Brasil*, veiculado nas primeiras horas da manhã; *o Jornal Hoje*, na primeira hora da tarde; *o Jornal Nacional*, por volta das oito horas da noite; e *o Jornal da Globo*, por volta da meia-noite (dependendo da programação do dia). *O Jornal da Globo* é veiculado de segunda a sexta-feira. Foi escolhido como objeto de estudo pelo fato de ter uma história interessante, sendo considerado o jornal que traria a reflexão dos fatos ocorridos durante o dia.

O telejornal foi ao ar pela primeira vez em 1979. Tinha trinta minutos de duração, e a característica de apresentar todos os gêneros jornalísticos, inclusive a entrevista. Em 1982, uma nova concepção foi adotada no *Jornal da Globo*. Passou a ser um aprofundamento dos assuntos mais importantes do dia, com análises, comentários e pequenas entrevistas ao vivo. Os assuntos principais eram economia, política, cultura e, com menos expressão, o esporte. Muitos apresentadores passaram pelo jornal. Em

1993 entrou para o Jornal da Globo a jornalista Lillian Witte Fibe, que foi responsável por grandes transformações no conceito do jornal. Foi editora e tinha “autonomia para decidir o que ia ao ar, fazendo comentários sobre determinados assuntos”⁶. O conteúdo trazia ênfase em economia, política, prestação de serviços e notícias de Brasília.

O Jornal da Globo será uma reflexão do noticiário do dia. Esse pensamento parte do conceito de que o Jornal Hoje trabalha no gerúndio, na hora em que os fatos estão acontecendo. Quando o Jornal Nacional vai ao ar, as coisas já aconteceram. No Jornal da Globo o objetivo é mostrar o que significariam. Por isso, acreditam ser um espaço para reflexão⁷.

Este conceito introduzido por Lillian Witte Fibe transformou-se um pouco quando, em 1996, a apresentadora foi para o Jornal Nacional e no seu lugar assumiu Mônica Waldvogel. A nova âncora e editora do jornal adotou como objetivo selecionar os fatos mais importantes no Jornal Nacional e buscar sempre fatos novos, com a idéia de que as pessoas que não pudessem assistir aos outros jornais pudesse ficar informado. Mais tarde, Lillian voltou para o Jornal da Globo deixando, tempos depois, nas mãos de Ana Paula Padrão, âncora e editora do telejornal até os dias de hoje.

O jornal apresenta vários tipos de formatos no telejornal. Notícias, notas simples, notas cobertas, reportagens, reportagens especiais, colunas, comentários, e, por vezes, também entrevistas. As edições utilizadas na pesquisa foram analisadas a partir da unidade “matéria jornalística”, a qual abarca todas as matérias informativas, estando excluídas as opinativas.

A notícia política no Jornal da Globo: superficialidade, unitarismo e espetáculo

A notícia é um produto dos informadores que atuam dentro de processos institucionais e de conformidade com práticas institucionais. Cada empresa tem um caráter, tem padrões e normas nas quais devem ser pautadas as matérias pelos repórteres, redatores, editores. Do posicionamento da notícia no jornal impresso à duração da matéria no telejornal, existem diversos valores determinantes, dificilmente tornados públicos. O uso da técnica e da linguagem é enquadrado por Marcondes Filho (1989, p. 39) como uma das formas de encobrimento e falseamento da notícia. “Em verdade, as ‘normalizações técnicas’ de como produzir uma notícia atuam de tal forma que castram grande parte do potencial crítico e da periculosidade das notícias”.

Bárbara Phillips (1993, p. 331), depois de estudar o cotidiano e a forma como se deu o trabalho de 75 jornalistas, nos Estados Unidos, num período de treze meses, chegou à conclusão de que os hábitos relacionados com o ofício, como a orientação temporal atual, “a lógica do concreto, e uma ênfase para os acontecimentos contingentes do que para as necessidades estruturais” influenciam na construção das notícias diárias. A rotina de trabalho também impede a reflexão sobre os fatos, havendo uma tendência a vê-los de forma desconexa, sem ligação alguma. “As ambigüidades, os desenvolvimentos em fluxo e as contradições tendem a não ser notícias. (...) De modo geral, as notícias dão a sensação de que existe novidade sem mudança” (1993, p.331).

Até o momento em que a notícia chega à redação, diversos processos já foram realizados, desde a escolha das fontes de forma a garantir o caráter de objetividade, até a seleção dos dados e redação do texto dentro da linguagem do público. A partir de então, o desenvolvimento da notícia terá outros critérios: a maximização do público a ser atingido, através de um mascaramento da notícia, com o objetivo de selecionar dela

⁶ História do Jornal da Globo. Disponível em <http://www.redglobo.globo.com/jornaldaglobo/historia.html>. Acesso em 28.01.2004.

⁷ Idem.

aqueles elementos mais curiosos, insinuan-tes, provocantes do “interesse humano”. Este tratamento da notícia, por vezes, busca provocar sensações, desde o medo e a compaixão até ondas de euforia, dignas de um filme ou de algum programa de entretenimento.

Ana Carolina Temer (2002, p.119), ao analisar o Jornal da Globo, mostra que “para os editores, esse telejornal deve refletir o factual: pegar o que já foi dito, analisar ou dar um novo enfoque”. De acordo com este caráter, e baseando-se no próprio histórico do telejornal, restaria a ele essas prerrogativas: utilizar o que já foi feito durante o dia e observar seu significado.

Mais um para a coleção

No dia vinte de novembro de 2003, Dia Nacional da Consciência Negra, foi veiculada no Jornal da Globo uma matéria acerca da data. *Mais um para a coleção* foi o título, referindo-se a um boné recebido pelo presidente Lula do governador de Alagoas. O fato de haver um dia especial destinado à reflexão sobre a desigualdade racial no Brasil poderia ter incentivado os produtores do jornal para que dessem uma ênfase ao assunto, como o fazem quando é semana de Dia das Mães ou outra data comercial qualquer. No entanto, a reportagem que mencionou a data teve a seguinte chamada: “No dia nacional da consciência negra o presidente assinou três decretos para promover a igualdade racial no país. Em Serra Bonita, ele ganhou um boné do governador Ronaldo Lessa”.

As referências à data foram duas: 1) a assinatura de três decretos para promover a igualdade racial no país, e 2) a participação de Lula nas comemorações do dia no local onde viveu Zumbi dos Palmares. O teor dos decretos que Lula assinou, ou a forma como se pretende promover a igualdade racial no Brasil, ficaram ocultos. Da mesma forma, a menção a Zumbi dos Palmares foi somente a deixa para a reportagem, tendo em vista que, na comemoração onde viveu a personagem histórica, Lula ganhou um boné com

a inscrição “Alagoas terra da liberdade”. Partindo do boné presenteado na comemoração, a reportagem teve como assunto os bonés que o Presidente ganha nos locais que visita, mencionando desde o número de bonés que Lula recebeu durante o ano, até a consulta a uma consultora de moda*. Pôde-se perceber neste caso uma abordagem pouco convencional do acontecimento. A reportagem, uma das mais longas da edição, desviou o assunto para algo diferente. Bourdieu (1997, p.73) questiona este estilo de abordagem acerca de questões estruturais. Na sua opinião, levadas pela concorrência, as televisões recorrem cada vez mais aos velhos truques dos jornais sensacionalistas, dando prioridade às variedades:

é cada vez mais freqüente que, não importa o que tenha podido ocorrer no mundo, a abertura dos jornais televisivos seja reservada (...) ao aspecto mais anedótico e mais ritualizado da vida política (...), sem falar das catástrofes naturais, dos acidentes, dos incêndios, em suma, de tudo que pode suscitar um interesse de simples curiosidade, e que não exige nenhuma competência específica prévia, sobretudo política.

Numa época em que o mundo passa por transformações rapidamente, que as relações tornam-se cada vez mais complexas, paradoxalmente as informações passam a ter como principais qualidades “serem fáceis, rápidas e divertidas” (RAMONET, 1999, p.137). O surgimento da televisão foi determinante para a adoção do caráter massivo da informação. A partir da sua evolução técnica rompeu-se com a estética verificada a partir da criação dos tipos móveis no jornal impresso, para então a informação se transformar em algo curto, simplificado e fácil. Castells (1999, p.358) afirma que tal sucesso da televisão e a expansão de sua estética para os outros meios devem-se

* Cf. a matéria no endereço: <

à facilidade de sua comunicação, já que ela “é um meio fundamentalmente novo caracterizado pela sedução, estimulação sensorial da realidade e fácil comunicabilidade, na linha do modelo do menor esforço psicológico”.

Trégua e otimismo

A matéria *Trégua e otimismo*, veiculada no Jornal da Globo do dia 21 de novembro de 2003 insere-se neste ponto na medida em que se relaciona com a política e ao mesmo tempo com um aspecto fundamental da atualidade no Brasil: a reforma agrária. Trata-se da notícia de um encontro de Luís Inácio Lula da Silva com lideranças do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), onde o presidente apresentou o plano nacional de reforma agrária. Parte da matéria foi sobre uma menina que chamou o presidente de gordo durante sua explanação. A forma como Lula respondeu à interferência da menina foi tratado como de “bom humor” pelo jornal, o que demonstrava o clima perfeito entre governo e Movimento. A única referência ao plano nacional de reforma agrária foi o fato de este prever o assentamento de quatrocentas famílias até 2006. As demais questões referentes ao plano, como as condições em que estas famílias serão assentadas, além da forma como se dará a produção nessas terras, não foi objeto da matéria. A proposta de Lula foi a única apresentada, não sendo demonstrados interesses em conflito.

Tendo em vista a importância do encontro, além do assunto a que se refere, já que o Brasil apresenta uma enorme concentração de terras e o MST é o principal movimento social questionador desta situação, talvez coubesse um tom mais explicativo e informador sobre a suposta “trégua”. Sobrepondo o espetáculo, a diversão de ver Lula ser chamado de gordo por uma menina sem-terra, o telejornal optou pela singu-

laridade, esquecendo-se do contexto. Debord (1997, p.188) já alertava, em 1967, sobre os riscos do discurso espetacular: “[ele] faz calar, além do que é propriamente secreto, tudo o que não lhe convém. O que ele mostra vem sempre isolado do ambiente, do passado, das intenções, das conseqüências. É, portanto, totalmente ilógico”.

Meditisch (1999, sp.), ao investigar acerca de uma concepção do jornalismo como conhecimento, com a compreensão dos condicionamentos das práticas cognitivas inerentes à atividade jornalística, aborda a espetacularização, além da velocidade da produção e a falta de transparência das condições de construção da notícia, como aspectos problemáticos do jornalismo como conhecimento, quando isto ocorre não para que a cognição se dê de forma mais leve, e sim devido a uma luta pela audiência. Estas características prejudicam a compreensão dos fatos na sua realidade, uma vez que o jornalismo é exposto como se fosse a própria, quando na verdade sabe-se que ele produz a notícia e, conseqüentemente, o conhecimento em torno do fato.

Tensão pré-mudanças

Da mesma forma, o tratamento conferido à iminência de uma reforma ministerial no país fez com que o Jornal da Globo realizasse matéria sobre o assunto no dia dezoito de novembro de 2003. Com o título *Tensão pré-mudanças*, a matéria expõe algumas suposições de como pode ser definida a questão pelo governo. Referindo-se à reforma ministerial como “bolsa de apostas”, mostra a possibilidade de serem modificados os ministérios dos transportes, da ação social, e dos esportes, além de afirmar a permanência do ministro da previdência. Todas as explicações dadas são simplesmente baseadas em nomes, não levando em consideração os motivos pelos quais tais modificações poderiam ocorrer. Assim, a razão de Ricardo Berzoini provavelmente permanecer no Ministério da Previdência é o comentário do presidente em programa de rádio: “o Ricardo é uma figura excepcional, um

* A notícia pode ser vista em: <<http://redeglobob.globo.com/JGlobo/0,19125,NTJ0-2742-20031121-17207,00.html>>

ministro extraordinário, que eu não tenho dúvida nenhuma que no final de quatro anos ele vai deixar a previdência impecável". Os projetos realizados e o contexto político-econômico-social que permite a sua permanência não foram considerados na especulação do jornal. Mais uma vez percebe-se a forma como o jornal reduz a política ao concreto, através da personalização dos fatos políticos. "A política torna-se o espaço das idiossincrasias pessoais, das causações subjetivas, dos humores deste ou daquele político que age soberanamente na vida política" (MARCONDES FILHO, 1989, p.46).

No mesmo sentido, Freitas (2003, sp.), a partir de um estudo comparativo sobre a abordagem política em diversos telejornais, observa que "procura-se apresentar a política como um jogo de personagens descontextualizados de seus interesses e dos interesses por eles representados".

Desencontros de véspera

Um último exemplo interessante de notícia veiculada pelo Jornal da Globo é o da matéria *Desencontros de véspera*, da edição de dezessete de novembro de 2003. Tem como objeto as negociações da Área de Livre Comércio das Américas (ALCA) no dia anterior à reunião que faria algumas definições acerca do assunto. Sabe-se que a ALCA vem sendo desde o começo alvo de inúmeras críticas dentro e fora do Brasil. Aqui, até mesmo um plebiscito não-oficial sobre o assunto teve lugar em setembro de 2002, sendo reprovada a proposta de bloco pela população. Com a chegada de Luis Inácio Lula da Silva à presidência, ao contrário do que muitos pensaram, seguiram as negociações em torno da ALCA, apesar de ser de forma mais defensora dos interesses do país.

A reportagem tem a seguinte chamada: "Complicaram-se as negociações da Área de Livre Comércio das Américas. Não pela razão de sempre – a disputa entre Brasil e Estados Unidos". A chamada remete às negociações anteriores onde as disputas entre Brasil e EUA se atravancavam, tendo em

vista principalmente a persistência deste país em assuntos que beneficiavam apenas a si próprio. Os motivos atuais da complicação, expostos pela reportagem, foram dois. Primeiro, coloca lado a lado dois interesses em conflito – "de um lado os engravatados: diplomatas, ministros e homens de negócios de 34 países: toda a América, menos Cuba. Do outro, manifestantes anti-globalização, anti-capitalismo e, sobretudo, anti-ALCA". Segundo, expõe outra dicotomia:

justo quando as relações entre Brasil e Estados Unidos começavam a melhorar, veio o protesto de chilenos, peruanos, mexicanos e canadenses. Eles não querem a ALCA light, sem regras para subsídios, políticas de antidumping, normas de investimentos e leis de propriedade intelectual.

E conclui: "mas este desenho menos ambicioso é bom para o Brasil – que tem mais a perder do que outros países do continente".

Expondo os interesses de um lado de "engravatados", caracterizando-os como autoridades de diversos países, a idéia de credibilidade se sobrepõe. Sabe-se que, em geral, o discurso jornalístico tende a se basear no discurso oficial, justamente em busca de um caráter objetivo. Ao colocar de outro lado interesses de "manifestantes", caracterizando-os como anti-globalização, anti capitalismo e, sobretudo, anti-ALCA, clara está a leitura que deve ser feita. A segunda posição é, provavelmente, radical. As imagens mostram jovens de jeans, camisetas, tênis e mochilas. Portanto, não devem ser ouvidos. A primeira posição é, provavelmente, sensata. Reflete as idéias de engravatados, sendo estes diplomatas, ministros e homens de negócios.

Tendo em vista o caráter polêmico do assunto tratado, preenchendo este inclusive o valor-notícia interesse público, seria de bom grado que se ouvisse os dois lados. Não foi mencionado o fato de os manifestantes, acima de tudo, serem membros da sociedade

de civil e representantes de movimentos sociais organizados, e que têm, certamente, algum argumento que possa contrapor aos interesses hegemônicos. A única menção a eles é a sua contrariedade à negociação, tão somente por serem *manifestantes anti-globalização, anti-capitalismo e, sobretudo, anti-ALCA*. Reside neste caso, uma característica de grandes proporções no jornalismo brasileiro, sobretudo no telejornalismo. “Nessa representação, a política é apresentada sem o seu mais importante elemento constitutivo: o debate público, democrático e contraditório, em torno de alternativas para a organização da vida coletiva” (FREITAS, 2003, sp.).

A outra tensão exposta na matéria é entre Brasil e EUA de um lado e chilenos, peruanos, mexicanos e canadenses de outro. O argumento destes é bastante forte, uma vez que emperram as negociações devido à não regulamentação de subsídios¹⁰, de políticas antidumping¹¹, normas de investimentos¹² e leis de propriedade intelectual, questões que posteriormente podem gerar problemas, levando em consideração a grande utilização de subsídios pelos EUA, além da possibilidade da prática de dumping dentro do bloco. Mas, mesmo sendo este argumento forte, a forma como o jornal expõe o outro lado deixa pouca margem para que se concorde com o primeiro: “mas este desenho menos ambicioso é bom para o Brasil

– que tem mais a perder do que outros países do continente”. Pois bem, quantos telespectadores do jornal sabem o que significa dumping, subsídios e normas para investimentos? Além disso, será que há realmente um consenso acerca de ser boa para o Brasil a ALCA light?

Claramente o telejornal tomou uma posição: a oficial, correspondente aos depoimentos posteriores do porta-voz da presidência e do secretário de assuntos internacionais do Ministério da Fazenda. Talvez até mesmo um interesse da própria empresa a favor do bloco pode ter influenciado neste posicionamento.

Considerações finais

A objetividade como base para uma conduta ética pelo jornalista vem sendo pregada desde a época da *penny press*, quando o jornalismo deixa de ser partidário e opinativo para se referir somente aos fatos. Entretanto, tendo em vista a quantidade de implicações que o menor acontecimento pode ter na sociedade, como enquadrá-lo dentro de um espaço restrito, seja o tempo curto nos telejornais, seja em poucas linhas nos jornais impressos? Para resolver o conflito, utiliza-se os valores-notícia, dentre os quais foram considerados neste trabalho principalmente o interesse público e o interesse do público (GUERRA, 2003). Se levado em consideração o caráter de serviço público realizado pelo jornalismo, caberia afirmar que o interesse público, coletivo, de implicações reais para os cidadãos deve ser a preferência nestas escolhas, ficando o divertimento e o sensacionalismo para o entretenimento. Entretanto, se considerado o caráter mercadológico arraigado ao jornalismo atualmente, pode-se perceber a inversão desses valores, ficando, então, a propagação de matérias de interesse público submetida ao interesse dos públicos.

Por outro lado, verificou-se que as normas organizacionais privilegiam as vozes oficiais, havendo constante parcialidade em nome da manutenção do universo simbólico. Trazendo uma maior abordagem quanto

¹⁰ Subsídio é a contribuição financeira por parte do Estado ou órgão estatal para uma empresa ou setor em particular, configurando vantagem para quem recebe, fazendo com que o produto seja competitivo no mercado externo, em detrimento de produtos do mesmo setor de outros países que não praticam subsídios (BARRAL, 2000).

¹¹ O dumping ocorre quando o país exportador vende no exterior um produto a preço inferior ao praticado no mercado interno, o que pode causar um dano ou ameaça de dano à indústria do país importador. Nesse caso, surgem as medidas antidumping, que podem ser impostas sobre aquele produto importado geralmente através da cobrança de direitos antidumping calculados através de um percentual sobre o valor do produto importado. “Atualmente existem mais de 900 medidas antidumping em vigor no mundo e o número de países que as aplicam triplicou nos últimos dez anos” (BARRAL, 2000, p.395).

¹² Diante do contexto de globalização da atividade financeira, que compreende tanto a liberdade de estabelecimento em território estrangeiro quanto a liberdade de oferta de produtos financeiros sem discriminações quanto à nacionalidade, as normas para investimentos buscam regulamentar esta participação financeira de investimentos externos em atividades do país, para que não haja perda da autonomia financeira. (ROSA, 2000).

às posições do governo, estigmatiza-se as opiniões que pretendem qualquer ruptura. Observadas as notícias analisadas anteriormente e o conjunto de outras não apresentadas nesta oportunidade, percebeu-se que algumas das notícias estiveram em conformidade com os fatos: realmente o Presidente Lula ganhou um boné do governador Ronaldo Lessa. Além disso, na verdade o presidente ganha muitos bonés nos lugares que visita. Da mesma forma, ele assinou os três decretos para promover a igualdade racial no Brasil. Portanto, seria esta notícia objetiva? Por outro lado, a notícia atendeu à sua finalidade jornalística fundamental, o interesse público? Ela trouxe qualquer contextualização sobre a matéria? E seria importante que isto tivesse ocorrido?

Com relação à segunda matéria exposta, Lula esteve em encontro com MST. E lá uma menina o chamou de gordo. Isto aconteceu realmente, entretanto, a idéia de tré-gua e otimismo foi valorativa, no sentido de que outra pessoa poderia ter percepção diferente se levadas em conta outras questões, como o próprio fato de o presidente ter assentado pouquíssimas famílias até aquele momento.

Já na terceira matéria, os questionamentos mudam um pouco. A matéria refere-se essencialmente à política, aos rumos do Poder Executivo no país, e, no entanto, de política se fala muito pouco. Percebe-se uma exposição exacerbada de pessoas, nomes, mas não de idéias e intenções. Não se atém aos fatos, na medida em que realiza especulações sobre quem fica e quem sai dos Ministérios, e ao mesmo tempo não realiza uma abordagem contextual das razões que levariam a estas movimentações. Tem dificuldades em abordar o fato como política, mas assenta-se nos políticos, reduzindo as idéias ao concreto.

Por último, a quarta matéria traz a questão da parcialidade. Esteve em conformidade com os fatos, mas com valorações. Em uma questão onde havia pluralidade de opiniões e de visões, e onde a discussão estava bastante aberta, a notícia teve-se a uma, fechando a questão ao dizer o que se-

ria melhor para o Brasil, apenas levantando a outra idéia para estigmatizá-la.

No conjunto, as matérias tiveram a característica de expor uma uniformidade de visões, como se houvesse um consenso em torno de um ponto de vista, seja pelas partes envolvidas, seja pela sociedade em geral. Além disso, foi constante a falta de contextualização nas matérias, e, principalmente, de problematização.

Para discutir as bases para a formação e aplicação de uma nova ética do jornalismo, é necessário que se trabalhe com uma concepção diferente do liberalismo clássico. O medo da censura, que foi constante em regimes recentes como no caso da ditadura militar no Brasil, levou a uma concepção de que a mídia deveria ser totalmente livre. No entanto, a lógica mercadológica que contorna o jornalismo atualmente traz um unitarismo na forma de expor as notícias. Ao contrário do que se imaginava, o livre mercado não trouxe melhor qualidade e pluralismo à mídia. O jornalismo está, então, cumprindo com as suas prerrogativas? Pode-se considerar informado com a observância desse tipo de matéria? Sem pluralismo no acesso à imprensa não há como se falar em liberdade de informação. À medida que tende à concentração, a imprensa fica cada vez menos democrática. No dizer de Arbex Jr. (2001, p.205), "a 'engenharia do consenso' opera com armas muito mais sutis e eficazes do que a censura bruta: sua matéria-prima são nossos próprios preconceitos e convicções, assim como nosso temor de enfrentar a instabilidade em um mundo cada vez mais complexo".

Dentro destas notícias estiveram presentes escolhas realizadas dentro da organização jornalística para a abordagem dos fatos, trazendo o questionamento também já exposto por Meditsch (1999, sp.): sendo o jornalismo uma forma de conhecimento da realidade, e sendo este fundamental para os indivíduos na atualidade, "a questão do conhecimento que o jornalismo produz e reproduz e de seus efeitos pode ser demasiado estratégica para a vida de uma sociedade para ser controlada exclusivamente pelos

jornalistas como grupo profissional ou pelas organizações onde trabalham”.

Uma das questões que se sobressaem, e que realmente fará parte das conclusões mais importantes é a necessidade de democratizar o espaço público configurado pela imprensa. Trazendo as discussões necessárias à abordagem dos interesses em conflito, o conhecimento a que o jornalismo se propõe difundir torna-se de qualidade. Tendo em vista o poder do Estado, pode ser o jornalismo, como se propôs em um primeiro momento, uma forma de divulgação dos interesses e idéias dos cidadãos envolvidos com a construção da sua própria cidadania e conhecimento.

Referências Bibliográficas

- ARBEX JR, José. *Showrnalismo. A notícia como espetáculo*. São Paulo: Casa Amarela, 2001. 290p.
- BARRAL, Welber. Medidas anti-dumping. In: BARRAL, Welber (ORG.). *O Brasil e a OMC: os interesses brasileiros e as futuras negociações multilaterais*. Florianópolis: Diploma Legal, 2000. p. 391-407.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 248p.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a Televisão*. 6.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. 144p.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 617p.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 237p.
- FREITAS, Ananias José. *Jornalismo e política no Brasil: olhares contemporâneos*. Disponível em <<http://intercom.org.br/papers/xxiii-ci/gt03/gt03a3.pdf>> Acesso em 20.AGO.2003.
- GENRO FILHO, Adelmo. *O Segredo da Pirâmide*. Porto Alegre: Ortiz, 1997. 229p.
- GUERRA, Josenildo. *Notas para uma abordagem interpretativo-normativa da notícia*. Disponível em <http://www.facom.ufba.br/Pos/gtjornalismo/textos_josenildo.html> Acesso em 03.MAI.2003.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- HALL, Stuart (et. al.). A produção social das notícias: o mugging dos media. In: Nelson Traquina (Org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Vega: Lisboa, 1993.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *O Capital da Notícia*. São Paulo: Ática, 1989. 188p.
- MEDITISCH, Eduardo. *Comunicação: fundamentos e pertinência da abordagem do jornalismo como forma de conhecimento*. Disponível em <<http://www.eca.usp.br/alai/c/Congresso1999/6gt/eduardo%20meditisch.rtf>> Acesso em 02.SET.2003.
- PHILLIPS, Bárbara. Novidade sem mudança. In: TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: Questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Veja, 1993. p.326-331.
- RAMONET, Ignacio. *A tirania da comunicação*. Petrópolis: Vozes, 1999.141p.
- REDE GLOBO DE TELEVISÃO. *Jornal da Globo: história do programa*. Disponível em <<http://www.redeglobo.globo.com/jornaldaglobo/historia.html>>. Acesso em 28 out 2002.
- ROSA, Luis Fernando Franceschini da. Investimentos. In: BARRAL, Welber (ORG.). *O Brasil e a OMC: os interesses brasileiros e as futuras negociações multilaterais*. Florianópolis: Diploma Legal, 2000. p. 347-367.
- SCHUDSON, Michael. Por que as notícias são como são? *Comunicação e Linguagens*. Lisboa, n. 6. p.17-27, dez 1998.
- TEMER, Ana Carolina. Notícias e serviço: um estudo sobre o conteúdo dos telejornais da Rede Globo. *Comunicação e Sociedade*, n.37, p.115-134, 1 semestre 2002.
- TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo: Por que as notícias são como são*. vol. I. Florianópolis: Insular, 2004.
- TUCHMAN, Gaye. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: Questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1993. p.74-90.
- TUCHMAN, Gaye. *La producción de la noticia: estudio sobre la construcción de la realidad*. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 1983. 291p.